

PÓS-MODERNIDADE E EDUCAÇÃO EM BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS¹

Antenor Carlos Pantoja **TRINDADE**
Campus Universitário de
Abaetetuba/UFPA
Antenorcarios@bol.com.br

Resumo: Neste artigo discuto algumas idéias sobre pós-modernidade em Boaventura de Sousa Santos. Assim, inicio com uma reflexão sobre a modernidade, para, em seguida, adentrar no pensamento do autor em tela com o debate sobre crise do paradigma dominante, que dá vazão ao paradigma emergente, a pós-modernidade. Finalizo com a reflexão do autor sobre a educação no mundo atual.

Introdução

Neste artigo discuto a concepção de pós-modernidade em Boaventura de Sousa Santos nos aspectos científico e sócio-cultural. Para tanto, discuto as origens da sociedade moderna com ênfase nos conceitos epistemológicos da razão científica desenvolvida nos séculos XVI e XVIII, bem como os pilares norteadores desta sociedade. Em seguida, passo a refletir sobre a crise do paradigma

1 - Este artigo constitui-se em um resumo de meu Trabalho de Conclusão de Curso defendido recentemente no curso de Pedagogia do Campus Universitário de Abaetetuba, orientado pela Profa. M. Sc. Joyce Ribeiro. A investigação foi realizada através da pesquisa teórica, recorrendo fundamentalmente à produção de Boaventura de Sousa Santos, em livros, artigos científicos e entrevistas concedidas pelo autor, apesar de consultar outras obras.

científico hegemônico e a transição paradigmática provocada, fazendo emergir um paradigma emergente, que na ausência de um termo mais adequado, Boaventura de Sousa Santos denomina de pós-modernidade, com reflexos no campo epistemológico e no campo social. Finalizo este trabalho analisando as contribuições do pensamento de Boaventura de Sousa Santos para o campo educacional considerando os novos conhecimentos a partir do senso comum e novas práticas advindas da diversidade cultural.

1 Modernidade: origem e pilares

Segundo Boaventura de Sousa Santos (2000), a sociedade moderna se origina a partir da revolução científica do século XVI com os teóricos iluministas Copérnico e Galileu, sob o domínio das ciências naturais e se estendendo às ciências sociais a partir do século XVIII. O iluminismo se caracterizou pela busca do conhecimento através da racionalidade científica onde as teorias se propunham a desmistificar o conhecimento, combatendo o misticismo religioso, bem como todo conhecimento considerado obscuro e/ou impreciso e que, portanto, que colocava os indivíduos diante de um Deus que os mantinha aprisionados numa sociedade onde tudo devia ser aceito como oriundo da vontade divina.

A sociedade moderna se constitui por dois pilares fundamentais: o pilar da regulação e o da emancipação. O primeiro é delineado pelo Estado cuja gênese se configurou a partir do princípio de Thomas Hobbes que apresentou para a sociedade a idéia de contrato social baseado em uma ideologia que prima pela consciência pública. Aqui está presente ainda o princípio de mercado, sobretudo na obra de John Locke, assim como o princípio de comunidade de Rousseau. O segundo pilar é o da emancipação onde os princípios de racionalidade e comunidade, se articulam às idéias de identidade e comunhão sem as quais não é possível a visão de futuro.

1.2 A crise epistemológica

A crise epistemológica é ocasionada pelos avanços tecnológicos e científicos dos últimos tempos, que permitiu aos cientistas visualizar as próprias fragilidades da ciência moderna. Estes novos estudos colocam em xeque toda origem do conhecimento quanto às afirmações catedráticas e inquestionáveis com base em princípios epistemológicos e regras metodológicas do início do século, pois o fazer científico até pouco tempo era inquestionável, certo e válido para todos os eventos.

Boaventura de Sousa Santos (1989) distingue dois tipos de crise epistemológica: as crises de crescimento e as crises de degenerescência. A primeira ocorre quando certo ramo da ciência revela-se insatisfeita diante de métodos ou de conceitos básicos. As crises de degenerescência são crises de paradigmas, que atravessam todas as disciplinas questionando métodos e conceitos básicos pondo em causa a inteligibilidade dos paradigmas. Tanto a crise de crescimento quanto a de degenerescência não são fáceis de determinar, do mesmo modo como não é possível definir com segurança os seus ciclos. Entretanto, as crises de degenerescência são mais perceptíveis a partir do período pós-guerra (SANTOS, 1989).

Boaventura de Sousa Santos (1989) ressalta que estamos a vivenciar uma fase de crise de degenerescência da ciência moderna, ou seja, uma crise de paradigmas. Esta crise é irreversível, pois em seu interior coexistem duas concepções epistemológicas em permanente conflito: a ciência moderna, que está sendo questionada e a ciência pós-moderna, que emerge à medida que a antecessora se afunda ainda mais em crise. Assim, o atual momento histórico é marcado pela incerteza, já que segundo o autor “[...] perdemos a confiança epistemológica” (SANTOS, 2003, p. 08).

As críticas ao modelo científico têm se respaldado na própria história canônica do modelo hegemônico que se configurou como a única forma de conhecimento válido, na negação do senso comum e das experiências cognitivas das minorias silenciadas, que durante muito tempo permaneceram marginalizadas e hoje reivindicam por meio dos movimentos sociais uma nova postura científica, política e sócio-cultural. As críticas ao modelo científico têm contribuído para novos estudos e para a revalorização de saberes e práticas já existentes, pois “[...] não há nada de científico na razão de se privilegiar uma forma de conhecimento baseado na previsão e controle dos fenômenos, mas seria no fundo uma questão de juízo de valor” (SANTOS, 2000, p. 84). Boaventura de Sousa Santos questiona, ainda, o fato de a produção científica ser inacessível a grande maioria da população.

1.3 Os questionamentos sobre a modernidade no campo social

Com o advento da sociedade moderna o mundo vivenciou nas duas guerras mundiais, atos de barbárie antes nunca vistos. É a partir desses episódios que grande número de teóricos² percebeu com mais clareza que a racionalidade científica, instrumental, leva o indivíduo à irracionalidade. Soma-se a isso a necessidade da conquista de novos mercados, pois o desenvolvimento industrial entre as nações ricas impulsionou uma crescente disputa entre esses países pela dominação dos mercados, exigindo dos países subdesenvolvidos adequações diante dos banqueiros internacionais e novas orientações no âmbito social e educacional passaram a fazer parte das estratégias capitalistas.

Segundo Boaventura de Sousa Santos (2000), a ligação historicamente contingente entre modernidade e capitalismo está

2 - Entre eles, Adorno e Horkheimer.

marcada pelas grandes “transformações sociais do nosso tempo”. Uma delas é o triunfo do capitalismo e do liberalismo representando o fim da história, proclamado por Francis Fukuyama. Aqui a globalização econômica e cultural, sua expressão atual, é um processo excludente, complexo, e se configura como veículo de expansão do capitalismo. A modernidade no campo social, em vez de erradicar os riscos, as enfermidades, a fome, a violência e a ignorância da pré-modernidade, faz é reforçá-las. A consequência é a destruição generalizada através das guerras e do desastre ecológico.

A estreita ligação entre comércio e ciência atrelados aos interesses econômicos das grandes empresas transnacionais faz com que a ciência se torne força produtiva apenas do lucro e questões relacionadas ao bem comum, responsabilidade social e ética acabam por ficar em segundo plano. Notadamente, as promessas modernas almejam, desde o século XVIII, promover o bem comum usando a ciência como recurso para auxiliar os indivíduos na solução dos problemas. Já se passou bastante tempo e o que se produziu foram muitas ogivas nucleares, material químico radioativo e algumas tecnologias de ponta disponível somente aos países que podem pagar para ter acesso; miséria e pobreza para os povos do mundo foi o que restou.

A promessa de uma paz perpétua baseada no comércio, na racionalização científica dos processos de decisão e das instituições, levou ao desenvolvimento tecnológico de guerra e ao aumento sem precedentes do seu poder destrutivo. A promessa de uma sociedade mais justa e livre assenta na criação da riqueza tornada possível pela conversão da ciência em força produtiva conduziu à espoliação do chamado terceiro mundo e um abismo cada vez maior entre o Norte e o Sul. Neste século morreu mais gente de fome do que em qualquer dos séculos anteriores e mesmo nos países mais desenvolvidos continua a subir a percentagem dos socialmente excluídos, aqueles que vivem abaixo do nível da

pobreza (SANTOS, 2000, p. 56).

Em suas premissas, Boaventura de Sousa Santos não rejeita por completo o paradigma moderno, pelo contrário, traz a tona valores criados e esquecidos pela modernidade como liberdade e igualdade. Assim, prefere radicalizar a crítica à modernidade ocidental, pois se trata de pensar a transformação social para além do capitalismo e da modernidade ocidental. Assim, concebe a pós-modernidade como um novo paradigma científico, social, político e cultural a partir das crises vivenciadas na atualidade. O novo paradigma pensado pelo referido autor tem procurado se afirmar a partir de propostas alternativas profundamente discutidas por aqueles que sempre estiveram às margens da produção do saber. Daí a emergência de ser uma proposta que tem entre seus aspectos um caráter político voltado para as questões sociais onde se busca o pleno exercício da cidadania³ e da ética na sociedade.

2 A Pós-modernidade em Boaventura de Sousa Santos

No atual momento, se vivencia um período de transição em um tempo vagamente descortinável onde a “[...] configuração do paradigma que se anuncia no horizonte só pode se obter por via especulativa” (SANTOS, 2003, p. 36). Sendo assim, a transição paradigmática pode ser descrita como o espaço de fronteira onde residem interesses antagônicos, um período histórico onde não se sabe precisamente quando começa e muito menos quando termina.

Tenho vindo a afirmar que nos encontramos numa fase de transição paradigmática, entre o paradigma da modernidade, cujos sinais de crise me parecem evidentes; e um novo paradigma com um perfil vagamente descortinável, ainda sem nome e cuja ausência de nome se designa por pós-

3 - O conceito de cidadania defendido por Boaventura de Sousa Santos é o de cidadania plena, discutido e conquistado pelos membros de uma sociedade e não aquela que é exportada como modelo a ser seguido.

modernidade. Tenho mantido que essa transição é, sobretudo, evidente no domínio epistemológico por debaixo de um brilho aparente, a ciência moderna, que o projeto da modernidade considerou ser a solução privilegiada para a progressiva e global racionalização da vida social e individual, tem vindo a converter, ela própria, num problema sem solução, gerador de recorrentes irracionalidades (SANTOS, 2001, p. 34).

O autor esclarece também que a ciência moderna é vítima de seus próprios avanços tecnológicos, pois contém fissuras onde se discute a postura de uma nova teoria denominada de “paradigma emergente”, onde se encontram os pressupostos necessários para a construção de uma nova ciência e de novas práticas sociais de resistência no interior da sociedade moderna. O tempo presente tem sido denominado como um momento de crise, onde a “[...] crise da razão se manifesta na crise do indivíduo” (HORKHEIMER, 2002, p. 42).

Este tempo de crise e emergência paradigmática é para Boaventura de Sousa Santos (2006) a pós-modernidade. Esta se apresenta sob dois aspectos: a pós-modernidade conservadora ou conformista e a pós-modernidade de oposição.

A pós-modernidade conservadora ou conformista se caracteriza pela crítica as metanarrativas em que pesem a unilinearidade da história, o conceito de progresso, o desenvolvimento, a modernização e a renúncia a projetos coletivos de transformação social, pois considera a emancipação social como um mito sem grande consistência. Aqui se concebe a modernidade como projeto que chegou ao fim. Deste modo, esta proposta de pós-modernidade está presente nas teses de Daniel Bell, Lyotard, Baudrillard, Vattimo e Lipovetsky, e se constituem as concepções correntes sobre pós-modernidade.

A pós-modernidade de oposição, proposta por Boaventura de

Sousa Santos admite a crítica ao universalismo, a unilinearidade da história, as totalidades hierárquicas e as metanarrativas, isto por que é insustentável continuar a pensar que a modernidade ainda possa resolver os problemas com os quais a sociedade ainda se depara. Porém, considera as ações sociais transformadoras como caminho para a emancipação social. Este é o “paradigma emergente” como alternativa ao paradigma dominante. Um paradigma que caminha a uma possível consolidação tomando como pressuposto de argumentação as crises resultantes da própria revolução no domínio das ciências com os novos estudos⁴ e as novas propostas que estão a surgir no campo social, pois a “[...] configuração do paradigma que se anuncia no horizonte só pode obter-se por via especulativa, uma especulação fundada nos sinais que a crise do paradigma atual emite, mas nunca por eles determinada” (SANTOS, 2000, p. 74).

A pós-modernidade de oposição anuncia uma nova ciência, a ciência pós-moderna, que tem o objetivo de dialogar com outras formas de conhecimento possibilitando uma nova relação entre os paradigmas, pois o que a ciência moderna negou por séculos, como o conhecimento do senso comum e as experiências de vida, as intuições e os saberes tradicionais passados de geração a geração, a ciência pós-moderna pretende reabilitar através de uma nova retórica: prática, dialógica, conflitual, cooperativa e transformadora.

O novo senso comum proposto por Boaventura de Sousa Santos (2003) faz coincidir causa e intenção, apontando que o mesmo deve se desenvolver colado às experiências cotidianas, devendo ser indisciplinar, se realizando na espontaneidade e no convívio por meio do convencimento. Desta forma, é prático e útil. Assim, o novo

4 - Para Santos (2003), a crise no campo científico aponta os estudos de Ilya Prigogine sobre a nova aliança e da metamorfose da ciência; Fritjof Capra da nova física, Erich Jantsch do paradigma da auto-organização e são estes argumentos que tem permitido que se especule a respeito de uma nova ciência.

senso comum não seria assistemático, pelo contrário, estaria ligado a uma reflexão hermenêutica de aproximação por meio do diálogo com outras formas de conhecimento, diminuindo o fosso que ainda existe entre o fazer científico e a realidade social dos centros urbanos, periferias, zonas camponesas, Estados e Nações.

Estas novas propostas para o campo científico, serão possíveis e viáveis se houver uma dupla ruptura epistemológica. A primeira ruptura já foi realizada pelas sociedades modernas onde houve a superação entre o conhecimento científico e o senso comum. A segunda ruptura epistemológica está em vias de realizar-se. Para tanto, é preciso buscar um novo equilíbrio entre adaptação e criatividade onde a verdade do discurso científico possa passar pelo crivo dos outros discursos em permanente conflito com o propósito de aplicar de forma edificante os conhecimentos científicos. Neste sentido, a proposta de uma segunda ruptura epistemológica visa desterritorializar o conhecimento do senso comum das margens para o centro das discussões como conhecimentos viáveis, úteis e enriquecedores para as ciências, aproximando o cientista e o nativo, fazendo com que a distinção e/ou binarismos que ainda separa os pólos “[...] sujeito/ objeto/ natureza/ cultura/ natural/ artificial/ vivo/ inanimado/ espírito/ matéria/ pesquisador/ pesquisado” (SANTOS, 2000, p. 58) deixe de ter relevância.

Cabe destacar que Boaventura de Sousa Santos ao propor uma nova ruptura epistemológica visa aproximar o conhecimento científico dos anseios da comunidade local, pois já não é possível aceitar a imposição da técnica em detrimento dos conhecimentos nativos. Do mesmo modo é inadmissível que o Sul continue a importar ciência e tecnologia vindas do Norte, quando a realidade social dos povos do sul aponta outras necessidades como melhorias na educação e combate as desigualdades sociais. Neste contexto de discussões e propostas para o campo científico, o autor chama

atenção para as instituições responsáveis pela produção e legitimação dos saberes válidos, como a universidade, chamando-a a somar esforços no processo de construção do conhecimento, aproximando-o das práticas do cotidiano, dos problemas científicos e sociais que a sociedade enfrenta.

2 O paradigma emergente no campo sócio-cultural

Neste tópico abordo as concepções de Boaventura de Sousa Santos para o campo sócio-cultural e as possibilidades de se combater o paradigma social hegemônico que se manifesta nas desigualdades sociais, na cultura, na política, na destruição do meio ambiente e nas próprias relações entre os indivíduos.

A pós-modernidade enquanto um paradigma social emergente se constitui como uma manifestação inconformista diante do paradigma social dominante, caracterizado pelo capitalismo globalizado.

O autor em questão lança-nos um convite para que aprendamos com o Sul marginalizado, esquecido e historicamente explorado, e que teve suas experiências suprimidas pelo Norte. A utopia não tem sido apenas um sonho, mas tem se configurado como uma proposta científica e sócio-cultural, pois é preciso acreditar em novas alternativas como os projetos desenvolvidos nos países do Sul na área da democracia participativa, da agricultura familiar e do convívio solidário com o meio ambiente. Tudo com o objetivo de alterar a ordem social, pois são fortes os argumentos no campo social onde se observa ainda a existência de problemas ocasionados pela lógica do capital, como a competitividade entre os indivíduos no lugar da solidariedade e da cooperação, do consumismo e do individualismo no lugar da ética.

Estas ações estão presentes nas manifestações das minorias marginalizadas, organizadas por mulheres, idosos, camponeses,



ambientalistas, comunidades indígenas e negras, dispostas a enfrentar o capitalismo, a ciência dominante e a questionar os saberes e práticas criados no Norte para lidar com os problemas locais. Os movimentos sociais têm se articulado em lutas sociais nas diversas partes do mundo, ligados, paradoxalmente, pela troca imediata de informações e de imagens em tempo real, possibilitando a conexão de pessoas, entidades e organizações que lutam por objetivos comuns e que, mesmo estando distantes do ponto de vista geográfico, compartilham problemas semelhantes.

No plano cultural, Boaventura de Sousa Santos analisa que as culturas hoje nunca foram tão hibridizadas, pois há aí profundas relações de poder, logo, sempre haverá hibridizadores e hibridizados. Neste contexto deve-se buscar compreender quem hibridiza e com quais objetivos levando em consideração que as culturas só se movem por conflitos, tanto as culturas hegemônicas quanto as não hegemônicas e é em meio a esses conflitos que o multiculturalismo também se afirma. O multiculturalismo tem significado a coexistência de diferentes formas culturais na sociedade moderna e nem sempre é aceito pelos grupos dominantes gerando atos de xenofobia, racismo e conflitos armados.

Por outro lado, o autor alerta para os riscos da diversidade e da diferença, pois estas não podem se constituir apenas em “culturas de testemunho” onde somente certa cultura responderia por si mesma, ou seja, quando se fala ou se discute sobre discriminação das mulheres ou racismo, só as mulheres e os negros podem falar por eles mesmos. Nestes casos exemplificados a idéia de autenticidade de testemunho pode levar a uma nova segregação devido ao radicalismo excessivo e desta forma permitir criar “igualdades”, mas separadas em guetos culturais.

É notório que o processo de globalização tem possibilitado a

emergência de novos movimentos emancipatórios, já citados acima, que combatem a homogeneização e as mutações vertiginosas onde caminham juntas a sociedade do consumo e a sociedade da informação. Para o autor, vivenciamos um tempo paradoxal produzido pela globalização, onde o contexto cultural hoje está dominado pelas idéias aparentemente contraditórias como as de global-local, homogeneidade-pluralismo (SANTOS, 2000).

Estas inquietações percebidas no cenário mundial têm se refletido na sociedade, com graves conseqüências para o indivíduo, no relacionamento com o Outro, nas relações onde as identidades se chocam com os mais diferentes interesses do processo de mundialização. Este se estende às culturas mais afastadas do continente, proporcionado pelo acelerado avanço dos meios tecnológicos e informacionais. Até mesmo as identidades aparentemente mais sólidas como de homem e de mulher “[...] escondem negociações de sentido, jogos de polissemia e choques de temporalidade” (SANTOS, 2001, p. 135). Hoje, se vivencia um mundo de múltiplos sujeitos onde em termos gerais os indivíduos combinam várias subjetividades que correspondem a várias formas de poder que circulam na sociedade.

Somos um arquipélago de subjetividades que se combinam diferentemente sob múltiplas circunstâncias pessoais e coletivas. Somos de manhã cedo privilegiadamente membros de família, durante o dia de trabalho somos classe, lemos o jornal como indivíduos e assistimos ao jogo de futebol da equipe nacional como nação (SANTOS, 2001, p. 107).

Como é possível notar, neste tempo de grande turbulência, o indivíduo passa por uma crise de identidade, pois se encontra fragmentado assim como à sociedade ao qual faz parte. A nova ordem planetária tem ocasionado profundas conseqüências nos modos de agir, pensar e viver dos indivíduos, ocasionadas pelas

transformações percebidas no cenário político, econômico e na esfera cultural, provocando mudanças nas próprias identidades nacionais, constituindo, desta forma, a 'hibridização de culturas". Aqui certa cultura pode exercer maior ou menor influência sobre a outra, pois o processo de hibridização provoca desconfiança, distanciamento e resistência, sobretudo, das identidades locais.

3 Pós-modernidade e educação

Neste tópico apresento o pensamento de Boaventura de Sousa Santos sobre o campo educacional, a partir de pressupostos que envolvem uma proposta de educação emancipatória, crítica e cidadã como parte de uma outra proposta maior relacionada tanto ao paradigma emergente no campo científico, como no campo sócio-cultural discutidos anteriormente neste trabalho.

As idéias educativas de Boaventura de Sousa Santos são influenciadas pelas pedagogias de Dewey e de Paulo Freire. Para o primeiro a educação é entendida como processo de construção e organização da experiência para a vida democrática, através da reflexão e da valorização das atividades práticas, importantes para o desenvolvimento dos indivíduos. O segundo influencia através de uma pedagogia dos povos colonizados, dos oprimidos, sendo uma pedagogia política e conscientizadora, alternativa à lógica educacional dominante, com vistas à superação das desigualdades sociais.

O pensamento educacional de Boaventura de Sousa Santos (1989, 2005) caminha a favor de práticas educacionais alternativas ao modelo de educação hegemônico ocidental. No campo educativo a pós-modernidade defendida pelo autor propõe uma educação de questionamento e de permanente debate, pois os pressupostos educativos que compreendem a educação para o futuro são a emancipação, a crítica e a cidadania.

Boaventura de Sousa Santos declara que é preciso criar novas alternativas ao atual modelo neoliberal que transforma tudo que vê pela frente em mercadoria, pois pensar a transformação rumo a uma nova sociedade, requer novas atitudes diante do papel da educação frente ao novo surto do mercado globalizado e a mercantilização do conhecimento, bem como o permanente debate e questionamento sobre os próprios fins da educação. Desta forma, defende o desenho de novas políticas públicas no interior das instituições educacionais, inclusive na universidade, pois esta precisa se aproximar da sociedade, defendendo a democratização do acesso ao ensino, os programas de bolsa de extensão e, sobretudo, se aproximar dos movimentos sociais e dos problemas enfrentados pela população.

Deste modo, propõe por meio da pós-modernidade de oposição, uma pluralidade de projetos coletivos articulados com a transformação social, assim como utopias reais, plurais e críticas; propõe a reinvenção da emancipação social, o otimismo trágico no lugar da melancolia, a construção de uma ética a partir de baixo, e uma teoria crítica muito mais reflexiva que contribua com a criação de subjetividades transgressivas para ações rebeldes contra as ações conformistas. No campo cultural propõe a hibridização com consciência das relações de poder.

Neste sentido, o autor em questão contribui com suas idéias para o campo educacional na medida em que propõe uma *pedagogia do conflito*, onde são questionadas a diversidade cultural, o conhecimento das classes populares e a construção das identidades individuais e coletivas no contexto local e global. A pedagogia do conflito é uma educação inconformista⁵, que coloca sob suspeita os

5 - Para Boaventura de Sousa Santos, práticas conformistas no campo educativo são ações que apenas se limitam ao cumprimento das atividades docentes e a repassar os conhecimentos sistematizados.

próprios programas educacionais, bem como os discursos produzidos dentro e fora do contexto escolar.

No contexto da escolarização, para Boaventura de Sousa Santos (2005) é necessário e urgente o debate aberto com os diferentes saberes e culturas, considerando que a educação precisa se pautar por atitudes desestabilizadoras, críticas e radicais, que questionem problemas étnicos, de gênero, ambientais, tecnológicos e de construção de identidades e subjetividades. As lutas feministas, ambientalistas, camponesas, dos grupos indígenas, de cientistas sociais e educadores do sul, têm promovido discussões sobre novas propostas de intervenções educacionais. Isto por que o exercício de uma cidadania ativa e militante pelos direitos sociais e coletivos, requer a valorização dos conhecimentos marginalizados, pois a educação continua se configurando no contexto escolar como espaço de aculturação das classes populares, devido estes conhecimentos não serem interessantes para as classes dominantes.

A construção de novas relações sociais e políticas no âmbito escolar só serão possíveis através da valorização dos diferentes saberes e de uma profunda hermenêutica diatópica.⁶ Essas idéias possibilitam, a partir do contexto escolar, pensar a construção de uma ciência próxima dos anseios da comunidade e de atitudes mais sensíveis a tudo aquilo que se tem produzido na era moderna e na pós-moderna. É preciso que a educação trabalhe a construção de novas relações sociais a partir do inconformismo, com atitudes éticas, plurais e críticas no sentido de buscar alternativas às práticas discriminadoras.

Retomando o debate educacional iniciado por Paulo Freire,

6 - Para Boaventura de Sousa Santos (1989), hermenêutica diatópica representa o diálogo igualitário com outros saberes sem a pretensão de cooptá-los.

Boaventura de Sousa Santos considera o contexto atual bem mais complexo e ainda mais dominado pela lógica do mercado, o que o leva a argumentar que hoje no lugar dos analfabetos circulam os que sofrem diretamente a influência maléfica do excesso de informação, através do mundo mágico e colorido das propagandas, pois se consome muita informação sem o mínimo de reflexão crítica.

Cabe desta forma, refletir sobre as tecnologias de informação uma vez que já fazem parte do cotidiano de muitas escolas (inclusive as brasileiras) proporcionando uma nova reorientação da aprendizagem dos educandos; no entanto, o que se percebe é que estas tecnologias apenas têm servido de signo simbólico nas escolas como equipamentos indispensáveis mesmo quando não são utilizados. Convém lembrar que os estabelecimentos de ensino quando contemplados com essas novas tecnologias convivem com a falta de preparo técnico por parte dos educadores e a falta de uma postura educativa frente a esses novos recursos quanto ao seu uso, mas principalmente, quanto aos objetivos. Assim é preciso discutir, questionar sobre os *sites* que podem ser visitados pelos educandos, buscando com isto mostrar a realidade dos alunos, alunas, professores, professoras e da própria comunidade local. Vale ressaltar que a indústria cultural transforma desenhos animados em produtos que são consumidos pelas próprias crianças presentes nas marcas de xampus, sabonetes e outros acessórios disponíveis no mercado, utilizando para isso uma linguagem ainda pouco questionada no contexto escolar, apontando desta forma a necessidade do questionamento e do debate aberto com os próprios alunos. Uma atitude multicultural por parte dos educadores pode aproveitar esses recursos tecnológicos e midiáticos para promover intercâmbio com outras escolas, em outras partes do mundo, estabelecendo uma proximidade por meio de grupos de estudos em que se possa promover o intercâmbio cultural e científico entre os

Conclusão

membros.

Além do problema das tecnologias, há a necessidade de preocupação com os problemas ambientais, pois o progresso tem vitimado muitos povos em nome do lucro, da competitividade e da individualidade o que o leva a suscitar a uma atitude de questionamentos entre educadores e educandos sobre uma educação dialógica, cooperativista e coletiva.

O retorno a uma atitude de questionamento e debate permanente e aberto sobre o sentido e a aplicação dos diferentes saberes é hoje uma necessidade urgente. O próprio desenvolvimento tecnológico e os problemas que cria das questões éticas e políticas decorrentes das novas fronteiras da biotecnologia e dos novos problemas de saúde pública aos impactos ambientais, sanitários econômicos e políticos das sementes transgênicas, do uso de fertilizantes tóxicos ou da construção de grandes barragens nos obrigam a enfrentar os desafios e envolver de maneira construtiva no debate e na pesquisa de soluções todos os atores que direta ou indiretamente estejam ligados a esses problemas. Tal atitude exige a abertura a um questionamento mais amplo e profundo e uma participação mais alargada e informada no debate, por forma a constituir uma rede de intervenção em que todas as formas de conhecimento possam construtivamente participar em função da sua relevância para a situação em causa (SANTOS, 2005, p. 25).

Esses questionamentos no contexto educacional têm ganhado força com as manifestações das culturas marginalizadas que se vêem vitimadas outra vez nos novos tempos pós-modernos.

Neste contexto social e cultural complexo, segundo Boaventura de Sousa Santos, os profissionais da educação têm uma difícil tarefa, pois em boa medida estes são pagos para ser mercenários no sentido

de transmitir uma verdade que necessariamente não é nem dos educadores e muito menos dos educandos, mas que está consignada oficialmente na história, através dos núcleos escolares. Cabe aos educadores por meio de uma hermenêutica da suspeição, procurar novas formas de conhecimento e combater a pedagogia oficial imposta que informa tudo o que deve ser ensinado e construir uma atividade mais “desconstrutiva”. Para isso é preciso que os educadores disponham de instrumentos alternativos de lutas e de novos conhecimentos.

O projeto educativo emancipatório é um projeto de aprendizagem de conhecimentos conflitantes com o objetivo de, através dele, produzir imagens radicais e desestabilizadoras dos conflitos sociais em que se traduziram no passado, imagens capazes de potenciar a indignação e a rebeldia. Educação, pois, para o inconformismo, para um tipo de subjetividade que submete a uma hermenêutica de suspeita a repetição do presente, que recusa a trivialização do sofrimento e da opressão e veja neles o resultado de indesculpáveis opções (SANTOS, 1996, p.17-18. 1996).

O autor concebe educação como criação constante de subjetividades paradigmáticas, pois a escola há muito tempo vem rejeitando o conhecimento que o aluno traz de sua comunidade, contribuindo para o fracasso escolar e com a desvalorização, tanto da cultura como do conhecimento prático desenvolvido nas classes populares.

Assim, instiga os profissionais da educação a tomarem atitudes que possam romper as expectativas dos programas educacionais e desta forma responder aos anseios da comunidade escolar. Desafia aos educadores a construir conhecimentos junto aos alunos e alunas por meio de permanentes debates e questionamentos. A educação nesta direção pode ser orientada por uma *práxis*

pedagógica comprometida com a diversidade cultural, com a cidadania crítica, local e ao mesmo tempo globalizada, e que esteja disposta a assumir o compromisso de questionar o ensino oficial e enfatizar os conhecimentos silenciados.

Neste sentido, o autor defende a iniciativa de um projeto educativo emancipatório orientado para combater o sofrimento e as injustiças sociais. Este projeto emancipatório também proporciona o conflito diante do que ele chama de imagens desestabilizadoras, pois o ato de desestabilizar coloca o indivíduo em estado de permanente reflexão.

Boaventura de Sousa Santos acredita na possibilidade da transformação social por meio de ações inconformistas contra o atual paradigma hegemônico tanto científico como social. Adverte que o termo pós-modernidade tem sido usado de forma inadequada, pois transmite a idéia de uma continuação da modernidade deixando de fora todos os países que mal conseguiram se modernizar, contemplando unicamente os países ricos onde a modernização sempre esteve mais presente. Ainda assim, o autor em tela utiliza o termo considerando a falta de outro mais adequado, observando que este está ligado às mudanças referentes ao cenário mundial e às novas relações sociais percebidas nos contextos culturais, sob influência das novas tecnologias de informação, dos mercados culturais, na economia, na política e na educação. O uso do termo tem sido ligado diretamente ao ocidente e aos valores consumistas, à continuação do capitalismo nesta fase mais avançada.

A educação dentro desta perspectiva de pós-modernidade tem papel importante para a construção de uma nova concepção de conhecimento, cultura e cidadania em um espaço onde o novo senso comum e uma nova ciência possam ser criados. Cabe aos educadores, através de imagens desestabilizadoras no contexto escolar, levar o indivíduo a pensar sobre sua própria condição social,

refletindo e desconstruindo o que geralmente se esconde na dinâmica da reprodução social e cultural.

Neste sentido, o diálogo com Boaventura de Sousa Santos permite inferir que este tem se manifestado como porta-voz dos grupos marginalizados, dos projetos de pesquisa sobre a realidade dos indivíduos, e da luta por uma ciência aberta a outros saberes. Desta forma, o pensamento do autor contribui para que os indivíduos reflitam sobre suas idéias e práticas, pois a discussão proposta sobre pós-modernidade propõe novas possibilidades de intervenção na vida sócio-cultural, científica e educacional.

Referências

HORKHEIMER, Marx. **Eclipse da Razão**. São Paulo: Centauro, 2002.

RIBEIRO, Joyce O.S. A pesquisa teórica nas investigações acadêmicas: questões teóricas metodológicas. *In: Margens: Revista Interdisciplinar do Núcleo de Pesquisa*. Abaetetuba: Paka Tatu, 2004.

SANTOS, Boaventua de S. Para uma Pedagogia do Conflito *In: SILVA, L. H. (Org.). Reestruturação Curricular: novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais*. Porto Alegre: Sulinas, 1996.

__. **Um Discurso sobre as Ciências**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

__. **Introdução a uma Ciência Pós-moderna**. Rio de Janeiro:

Graal, 1999.

___. **Para um Novo Senso Comum:** a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. São Paulo: Cortez, 2000.

___. **Pela Mão de Alice:** o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2001.

___. **Um discurso sobre as Ciências.** São Paulo: Afrontamento, 2003.

___. (org). **Semear outras Soluções:** os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

___. **A Gramática do Tempo:** para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.